

Edson Shadow Junior

As Crônicas de Solaris

Os Paladinos

Capítulo 1



**Luz e Trevas: Crônicas de Solaris -
Paladinos**

Category: Livro

MCN: CDHFF-PSC6L-2EJAY

© copyright 2013-02-15 20:59:21 - All Rights Reserved

O Desconhecido do Porto

Dois dias atrás

Noite. A escuridão do cais era tenebrosa. Sapos coaxavam em alguma região distante. Os risos dos marinheiros na taverna mais próxima ainda podiam ser ouvidos. Era também possível ouvir os cânticos dos bardos. Histórias distintas, mas muito conhecidas de épocas longínquas. “O desenho mostrava um leão a rugir, e tanto amedrontava que levava os inimigos a fugir!”.

Nada daquilo interessava ao desconhecido. Na verdade, nada que viesse de Pedra Valente iria interessar àquele homem parado, olhando para a lua esbelta. Não sabiam quem ele era, e muito menos o que ele fazia ali. Um total forasteiro. Um manto encobria sua face, o pano negro como as sombras. Um bom método de disfarce, diriam alguns. Uma boa maneira de passar despercebido pelos guardas.

Vários navios, de diferentes tamanhos, estavam atracados ali. Marinheiros estavam conversando logo à frente, algo sobre criaturas marinhas e crias do Necromante. O forasteiro sorriu por debaixo do manto. O frio esvoaçava sua roupa, o som marítimo não havia nada de ameaçador, nenhuma criatura pronta para atacar o porto.

O desconhecido virou-se e prosseguiu em direção à taverna, misturando-se às sombras da noite. Aquele lugar fedia como o inferno, mas o odor forte era normal para aquele homem, que não parecia ser daquele mundo, como um espectro solitário. Um fantasma. Um morto no mundo dos vivos. Com o manto cobrindo seus pés, ele parecia flutuar a poucos centímetros do chão. Talvez estivesse realmente. Ninguém saberia dizer.

A taverna e o odor costumeiro de vômito e hidromel já se aproximavam. Os gritos, as risadas, tudo podia ser ouvido daquele casarão de madeira de três andares. Putas chamavam os guardas, insinuando-se devassamente. O forasteiro não parou para olhar nada daquilo. Em breve, tudo aquilo deixaria de existir. Tinha certeza disso.

- Ei! – o forasteiro percebeu que uma das meretrizes falava com ele. – Deseja desperdiçar um pouco de seu tempo entre minhas pernas?

Ele não respondeu. Sorriu e continuou andando. Fez um movimento quase imperceptível com os dedos da mão esquerda. Um grito cortou o ar. A prostituta rugia de dor, o osso de seu úmero saindo, o sangue cobrindo toda a sua roupa de perversão. Guardas correram desesperados para ajudar aquela mulher que por tantas vezes aquecera suas noites frias. O desconhecido apenas continuou andando, sem nem olhar para trás.

Sentia em sua alma uma nova energia, ao ouvir os gritos de dor daquela mulher. Infelizmente ela não havia caído de cabeça. Se tivesse morrido, não iria fazer nenhuma falta para o mundo. No dia seguinte, o seu proprietário procuraria em outros prostíbulos e encontraria a mulher perfeita para substituir aquela que morrera. E em menos de uma hora, todos se esqueceriam dela. Jogariam seu corpo no mar, onde serviria de comida para tubarões ou outras criaturas ocultas.

Quando abriu a porta da taverna, esta rangeu como se estivesse prestes a desabar. Um ar quente atravessou suas vestes. Todos pararam o que faziam para

olhar o forasteiro se aproximando lentamente do balcão. Não havia mais risadas, o alaúde havia parado com sua sinfonia, o bardo nem sequer piscava. Um clima tenso pairava naquele estabelecimento. O desconhecido havia logo percebido que os guerreiros estavam prontos para sacar suas armas e combatê-lo. Tolos. Ninguém poderia feri-lo. A menos que quisesse ser ferido.

Sentou-se despreocupado num banquinho. Levantou o capuz. Sua cabeça raspada e lustrosa possuía algumas tatuagens de chamas que subiam desde sua nuca branca como o leite e iam até a altura das orelhas. Na testa, estava desenhado um pentagrama, símbolo da magia, boa ou ruim. Seus olhos verdes e sua boca fina não expressavam nem um sinal de emoção. Era como se não estivesse vivo.

O silêncio ainda pairava no local. Os olhos todos o observavam. Era como se o mundo houvesse prendido a respiração.

- O que houve? – perguntou ele, com a voz ríspida e parecida com alguém que sofre com dores pelo corpo.

Ninguém respondeu. Ao invés disso, se viraram e começaram a conversar novamente. O bardo voltou a tocar. O lugar inteiro parecia estar vivo novamente.

- O que vai querer? – perguntou o atendente, um garoto com sardas e cabelo de fogo.

- Vinho. E o prato de hoje.

- Frango ensopado com especiarias de Pedra Valente.

O forasteiro não respondeu. Apenas se limitou a acenar positivamente com a cabeça. O atendente se foi, deixando-o sozinho naquele ninho de homens tentando provar ter algum valor acima dos outros. A música entrava em seus ouvidos e, embora desprezasse as sinfonias do mundo que não fossem os gritos de dor e raiva, ele tinha de admitir que aquilo era realmente contagiante.

Não tardou muito e o atendente entregou seu prato. O frango se perdia naquela sopa marrom. Havia mais água do que alimento ali, mas do mesmo jeito ele se alimentou. Tomou um gole do vinho que fora recentemente posto ao seu lado e continuou a olhar a taverna. Embora ninguém mais aparentasse estarem preocupados com a presença do forasteiro, alguns ainda lhe lançavam olhares estranhos constantemente.

Um dos que o olhava insistentemente era um rapaz mirrado, com nariz adunco e olhos estrábicos. Tomava a mesma porção que ele, virando o prato com as duas mãos enquanto o caldo escorria pela sua barriga. Ao seu lado estava um brutamente negro, com olhos de obsidiana e cicatrizes pelo corpo. Uma dessas cicatrizes cortava sua barriga de um mamilo até o abdome. Este também o olhava, e o forasteiro pela primeira vez não pôde sentir um coração pulsante naquele homem. Quem era ele? Ficou interessado. Ele exalava ódio e ira, não era um homem com quem se devia brincar. Era diferente, e aparentemente mais mortal.

Mas o desconhecido nada disse, guardou para si os próprios pensamentos. Talvez aqueles homens fossem de algum valor para ajudá-lo em sua missão. Sorriu, exibindo seus dentes afiados como os de um tubarão. Virou-se novamente para sua sopa e devorou o frango. Tinha gosto de estragado, um toque amargo terminando com o azedo costumeiro. Jogou os ossos fora e sorveu a sopa somente. Em seguida tomou seu vinho e se levantou repentinamente.

Todos novamente pararam para olhá-lo, menos o bardo. O forasteiro descobriu o nome do músico logo após notar uma placa logo acima de sua cabeça. Desmond.

Bateu palmas para ele, descarado. Um homem tentou levantar, enraivecido com alguma coisa que o desconhecido ainda não havia feito. Estava pisando em ovos por ali. Mas o forasteiro não parou, continuou aplaudindo durante um bom tempo. *Levante-se e me ataque.* Pensou ele. *Onse fazer isso.*

O homem não ousou. Seu amigo, um homem mais inteligente que ele supôs o forasteiro, colocou uma mão em seu ombro esquerdo e obrigou a se sentar. O brigão parecia uma pimenta de tão vermelho, bufando e cuspidando no prato, batendo insistentemente os talheres na mesa. Estava pronto para pular nas gargantas do forasteiro. Mas não faria aquilo, o desconhecido sabia.

Quieto e ainda olhando para o briguento, saiu da taverna com a barriga forrada daquele alimento pobre. Onde antes estivera uma puta com o braço quebrado, só restava o sangue da vítima. Homens conversavam sobre o ocorrido, distorcendo fatos como só os camponeses eram capazes de fazer. O forasteiro não se importava com aquilo.

Ele havia sentido logo no momento em que abrira a porta da taverna o vento gelado e o cheiro de peixes e algas. Ondas se quebravam agora contra as pilastras que sustentavam o cais, o mar parecia estar começando a ficar revoltado. A lua já não podia ser identificada em suas águas, apenas o brilho branco que ela jogava sobre o oceano.

Caminhou lentamente, despreocupado com tudo em sua volta. Ele não era daquele mundo, nada daquilo importava para ele. Viktor não se interessava pela vida de reles mortais. E Mallak o instruíra a ser assim. Não era necessário se envolver com pessoas daquele continente maldito, logo todas encontrariam seu derradeiro fim. E então tudo ficaria mais fácil. As criaturas noturnas logo iriam tomar forma e andar junto com os guerreiros que tanto lutaram para extingui-las. Mas ninguém estava pronto para o plano.

Um plano tão secreto que seria difícil sobreviver após descobri-lo. Mallak, seu mestre, queria que ele não fosse percebido. Teve até de adotar uma segunda forma sua, a que menos gostava. Queria caçar, expor suas garras de felino e rasgar carne e ossos. Mas naquele vestido humano, não poderia fazer nada daquilo. Era um espectro das sombras, e ninguém podia pará-lo. Espectros das sombras eram capazes de dominar qualquer coisa, qualquer ser. Podia fazer, com um treinamento específico como o de Viktor, um coração explodir, uma cabeça voar em milhões de pedaços, um corpo ser arremessado de uma janela.

Também eram criaturas com o dom de atrair suas vítimas pela sedução. Implantaria ordens na mente de cada ser para que estes auxiliassem em seus planos, mesmo quando não quisessem.

Mas Viktor, um nome que adotara para seu alter-ego humano, estava disposto a fazer de tudo para auxiliar seu mestre. Não deveria falhar naquela missão. Com o sucesso dela, uma nova guerra iniciaria e os Paladinos encontrariam seu fim. *Malditos sejam estes guerreiros.* Crescera aprendendo a odia-los. Guerras ocorreram entre o povo da Terra Erma, lar do Necromante, e Solaris, lar dos defensores da luz. Eram seres piores do que todos que estavam naquela região deserta governada por Mallak. Tinham um coração, mas ainda assim o usavam para acabar com a própria raça, guerreando entre si, destruindo tudo aquilo que chamavam de casa.

Durante séculos eles foram criados. Durante séculos as empreitadas do Necromante falharam. Lobisomens foram criados, e logo erradicados. Vampiros

logo surgiram, Viktor lembrava-se bem, mas por não aceitarem comandos de superiores, acabaram encontrando seu final derradeiro. Os paladinos eram homens preparados para este tipo de guerra. Não temiam as criaturas da escuridão. Eram praticamente imunes a magias como as dos espectros das sombras. Perigosos adversários.

Mesmo assim, eles se gabavam de nunca terem iniciado uma guerra sequer. Nunca foram procurar encrenca para o lado deles na Terra Erma, mas Viktor conhecia bem o motivo. Medo. Não podiam lutar em terreno inimigo. Tinham que conhecer o local antes de tudo, e quem um dia foi para a terra do Necromante, nunca mais voltou. Nunca existiram mapas da Terra Erma. Somente seu litoral era visto por aqueles que gostavam de arriscar. Marinheiros experientes que encontravam seu derradeiro fim na baía de corais. A terra se defendia sozinha, não precisavam nem agir para impedi-los.

Viktor inspirou profundamente o ar gelado, esperando que os dois piratas saíssem. O pequeno e mirrado e seu brutamonte. Havia notado aquilo neles, pareciam saber quando uma pessoa necessitava de um serviço. Agora era só esperar. E não demorou muito. Os dois abriram com um estrondo a porta do bar e procuraram Viktor com os olhos. Quando o encontraram, caminharam apressadamente. O gigante não parecia feliz. Estava com a mão esquerda pousada sobre uma espada curvada, pronto para atacar.

O forasteiro se virou, sorrindo. Seus punhos estralavam sem o menor esforço, sua casca humana se deteriorava com facilidade. Uma hora teria de voltar para sua real forma, aquela que ele mais amava.

- Ora, ora. – disse o pequeno. – Se não é o forasteiro que quase se matou naquela taverna.

- Me matei? Acredito que vocês tiveram muita sorte. – Viktor disse, quase sussurrando. Gostava de quando os humanos se inclinavam de curiosidade sobre aquilo que não conseguiam ouvir.

- Não importa. Sou Ananias. Este ao meu lado é Passoforte. Somos mercantes.

- São piratas.

- Piratas mercantes.

- E por que acham que estou interessado no que vocês são?

Passoforte deu um passo à frente, mostrando os dentes na mais perfeita feição de raiva. Viktor não piscou.

- Acho melhor controlar a língua, forasteiro. Ou não a terá mais.

Oh, temos um homem corajoso aqui. Vou precisar dele, creio eu.

- Desculpe-me se ofendi. Mas o que eu ainda quero saber é por que acham que preciso de seus serviços? – disse ele, usando sua voz mais calma.

- Os forasteiros que visitam nossa taverna sempre procuram por mercadores, ou mercenários. Muitas vezes procuram os dois. Vem de onde? – Ananias perguntou, sorrindo.

- Da Terra Erma. – respondeu Viktor, naturalmente.

Ananias primeiramente arregalou os olhos, como se estivesse vendo um fantasma logo à sua frente, mas depois começou a rir desenfreado. Seus olhos começavam logo a ficarem marejados, enquanto sua barriga se retorcia. Passoforte não expressou nenhuma reação. Nem Viktor. Ele esperava por aquilo. A maioria daquelas pessoas não acreditava de primeira naquele fato.

- Hahaha! Você é muito engraçado! – Ananias fazia força para não rir, soluçando cada vez que tentava parar. – Agora sério, de onde você é?

Viktor se limitou a olhar seriamente para Ananias. O mercante aos poucos parava de rir, notando que o que aquele forasteiro havia dito era verdade. *É um idiota. Perfeito.* Aos poucos, o jeito extrovertido do pirata ia dando lugar para o medo. Aquilo também era normal. Todos temiam os povos vindos da Terra Erma, ainda mais pelo fato de nenhum povo existir naquelas terras. Só poderia significar uma coisa.

- Então vo-você é vassalo do Necromante? – perguntou, vacilando.

Viktor acenou positivamente com a cabeça. *O medo é sempre a melhor arma.*

- Preciso que façam uma viagem para mim. Irei junto para ver a entrega do carregamento. – Viktor falou calmo como nunca.

- E quem lhe disse que vamos trabalhar para você? – Ananias respondeu.

Viktor viu os guardas mais próximos olharem para ele. Ananias e aquela sua voz maldita estavam atraindo atenção indesejada. *Seja discreto, foi a única coisa que o mestre me pediu.* Alguns soldados já começavam a se aproximar. Se passassem de uma distância segura para ele, teria de atacar. Aquele caos iria se tornar uma poça de sangue. E Viktor tinha certeza que não seria o dele a ser derramado.

Passoforte retirou sua espada da bainha, e ela reluziu sombriamente quando a luz do sol tocou em seu aço. Parecia afiadíssima, do tipo em que só de olhar já se cortava. Aquilo não amedrontou Viktor. Estava acostumado com criaturas mais terríveis do que humanos armados com armas tão insignificantes.

- Meu amigo Passoforte não gostou de você. – Ananias falou.

- Percebi isto. Abaixei a arma. – Ordenou Viktor, e surpreendentemente Passoforte obedeceu.

O gigante que parecia ser indomável abaixou sua espada sem nem apresentar resistência. Viktor conhecia aquele homem. Anos atrás, quando os paladinos estavam em seu verdadeiro auge, seu mestre ordenou que centenas de crianças fossem pegadas. Eram todas criaturinhas ínfimas, se ele bem se lembrava, mas era o suficiente para poder montar um exército, um bando de seres devoradores de corações. E para isso, elas deveriam abdicar de seus corações também. Não sentiriam amor, remorso, não sentiriam nada.

E assim, teriam o total controle do Necromante e aquele que viria a herdar seu poder. Algumas crianças, por apresentar uma forte repressão contra tais magias, foram enviadas de volta para suas casas, onde passavam a serem tratadas como cães e sofriam de tudo nas mãos dos pais. Eles não queriam os *Marcados*, como eram chamados estes jovens. E ainda assim, toda criança ainda era suscetível a ser dominada, ainda que por apenas ordens inúteis. E mandar um guerreiro abaixar uma espada era uma ordem inútil.

Ananias olhava para Passoforte sem acreditar no que aquele homem havia feito. Em seguida, lançou seu mais amedrontado olhar para Viktor, que sorriu, apresentando seus dentes caninos. Ele sentia sua casca humana se tornar cada vez mais fraca. *Tenho que caçar. Não suportarei mais por muito tempo.* A sede era grande, ainda mais quando ele sentia o sangue pulsar em cada veia daqueles humanos malditos. O melhor gosto era dos macacos sem pelos, com certeza. Cavalos e cães não eram nem de perto tão saborosos quanto um bom homem.

- Como fez isso? – perguntou o pirata mercante.

- Tenho meus truques. – respondeu Viktor, adormecendo novamente a sua vontade de matar. Mas aquilo era temporário, e ela voltaria cada vez mais forte. – Quer ver o que eu posso fazer com você?

Ananias arregalou os olhos, vendo a vida passar pelas suas mãos. Colocou a mão no cabo de sua espada e fez menção de tentar puxá-la, mas não conseguiu. Algum campo de força invisível a segurava ali. Viktor não permitiria que aquela criatura pequena pudesse representar alguma ameaça. Não que isso fosse possível, claro, mas deveria ser discreto.

- O que quer, cria do Necromante? – perguntou Ananias, e ele parecia estar se arrependendo amargamente de ter ido buscar Viktor. E deveria mesmo.

- Realmente, quero seus serviços. – Viktor falou, andando de um lado para o outro. Os guardas haviam parado de se aproximar. – Preciso que façam uma entrega.

- Onde? – Ananias não queria expressar, mas Viktor sabia que ele estava ficando curioso. *Piratas são todos tolos.*

- Solaris. No Fosso.

- Fosso? Aquela desgraça é guardada dia e noite por paladinos. Como espera que nós passemos por lá?

- Calma. Preocupe-se apenas com o que lhe foi dito. Do resto, deixe por minha conta. – Viktor gostava daquilo nos seres humanos. Eram facilmente corrompidos. Um momento atrás, Ananias parecia querer matar o espectro das sombras, mas agora estava até cogitando a possibilidade de trabalhar para ele. Conhecia muitas criaturas assim, e não gostava nem um pouco delas. – Preciso que estejam prontos para partir até amanhã de manhã.

Ananias olhou Viktor com descrença. Devia estar pensando que ele era louco ou coisa parecida. O espectro bem sabia que faltavam apenas duas horas para o raiar do sol, e o tempo não era nem de perto suficiente para ajeitar a tripulação e embarcar a mercadoria. E foram exatamente estes termos que ele usou.

- Então não deveriam estar aqui perdendo tempo comigo, não é? Qual destes é o seu navio? – Viktor perguntou, descaradamente. Olhava sem curiosidade alguma para os navios ali atracados. Eram construções magníficas, mas alguns fediam tanto que era impossível não sentir náuseas. Supôs que o navio de Ananias fosse um daqueles.

Mas não era. Viktor ficou impressionado quando Ananias lhe apresentou seu galeão mercante. Era enorme, com velas amareladas e escurecidas, e o casco arranhado como um verdadeiro dracar, daqueles que enfrentaram centenas de guerras. No seu casco, havia cerca de cinco quadrados, como janelas fechadas. Viktor supôs que ali eram mantidos os canhões. Aquele galeão mercante não era totalmente inocente. Escondia coisas em seu interior que mostrava seu total poder. Era um navio de guerra modificado. Um navio de piratas.

- Confesso que fiquei impressionado com este navio. – Viktor disse logo depois de se aproximarem mais da embarcação.

- Se chama *Porão dos Mares*. – Ananias respondeu, cheio de orgulho. Aquilo também era fácil de fazer em um humano. Inflar seu ego e usá-lo a favor.

- Com certeza precisarei dele.

- Então estaremos amanhã de manhã à sua espera.

Isso foi mais fácil do que eu imaginava.

Viktor acenou positivamente com a cabeça, já se distanciando da dupla. Passoforte estava quieto como sempre, mas menos ameaçador. Olhava com sua carranca emburrada para o forasteiro, porém não ousou levantar um dedo sequer. De longe, o espectro ouviu o pirata chamá-lo, perguntar para onde ele estava indo. Não respondeu.

Estou indo caçar.

Longe do cais, a noite era bem mais escura. Nada podia-se ver pelas árvores, apenas o som da taverna que conseguia alcançar quilômetros de distância devido o silêncio monótono da mata. Não havia ninguém ali, nada que pudesse presenciar a transformação que ocorreria. E Viktor gostava daquele jeito. Ser discreto, não fazer barulho. Chegar e surpreender.

Naquele momento, a luz do luar banhava sua pele branca e cheia de tatuagens ritualísticas, cada uma com um significado diferente. Morte, sangue, desonra e infidelidade. Toda a desgraça que permeava o mundo. Para que fosse forte, deveria abrir mão daqueles sentimentos considerados puros: Amor, paixão. Para Viktor, tudo aquilo só tornava o ser fraco e suscetível a ser dominado. Como uma criatura que foi feita para a guerra poderia amar? Os seres humanos se matavam de todas as maneiras possíveis e diziam se amar, diziam serem políticos. Não havia política no mundo dos homens. Eram tão bárbaros quanto os herméticos de sua região.

Agora a sede de sangue parecia aumentar cada vez mais. Seus poros se dilatavam, suas veias estouravam, criando pequenas manchas negras ao redor de sua pele. Uma pele que parecia aos poucos escorrer pelo seu corpo todo. Ele sangrava e parecia que ia morrer. Não precisava daquele líquido tão precioso dos humanos. Ele apenas era necessário para dar cor ao seu ser, para que não parecesse tão pálido. *Seja discreto.* Tentava de todas as maneiras se igualar a um ser humano, mas não iria conseguir, e isso ele já tinha em mente.

Ossos começaram a estalar em seu corpo, que se deformava cada vez mais. Parecia que estava em extrema agonia, mas Viktor adorava tudo aquilo, estava acostumado às mudanças. Sua pele escorregava folgada como uma roupa de seda numa puta qualquer. Sua verdadeira pele estava logo por baixo, acinzentada, cheia de cicatrizes de batalhas antigas, batalhas que mostravam o quanto ele era perigoso. Seus dedos alongaram, seu pescoço se tornou bem maior e sua cabeça passou a alongar-se para trás. Seus olhos, antes negros, agora haviam deixado de existir. Era apenas duas fossas vazias.

Seu nariz era apenas dois rasgos pequeninos em sua pele, e sua boca, um corte ínfimo que se dilatava surpreendentemente quando ele sorria ou fazia menção de mostrar os dentes. Seus caninos estavam bem maiores, saindo da boca e atingindo o queixo. Suas pernas haviam se multiplicado em pequenos filamentos finos com protuberâncias parecidas com pés, mas que continha em suas pontas uma espécie de espinho envenenado. De suas costas, um pouco acima da linha da cintura, um rabo também com o mesmo tipo de espinho se erguia sobre a sua cabeça. Seus braços eram fortes e vigorosos.

Ele levantou os “olhos” à Lua e gritou. Pássaros antes adormecidos agora revoavam. Podia também ouvir o rugir de alguma fera, mas todos temiam e sabiam da chegada de um espectro das sombras. Rapidamente, ele passou a se locomover. Suas pernas mal atingiam o chão, e ele se parecia com um vulto de tão rápido que

cruzava a distância de uma árvore a outra. Ninguém podia vê-lo, nem senti-lo. Era um espectro. Estava ali, e ninguém sabia.

E então, Viktor não mais existia. Sua vida dera lugar para *Vlask I'nsert Klaprked Torrequ Ornakdesie Rorndand*. Um nome até pequeno para um espectro das sombras.

Vlask subiu rapidamente numa árvore enorme. Alcançou em questão de segundos o topo dela. Sentiu o ar, buscando todos os aromas. Podia cheirar os pássaros, os morcegos, as corujas e os corvos que logo sobrevoariam aquela região. Cheirava também os lobos daquela região, ursos e outras criaturas. E o melhor, sentia o cheiro de um ser humano. Não esperou mais.

Saltou da árvore e se agarrou em outro galho, e em fração de segundos, ele estava bem mais próximo da vítima, podendo enxergá-la facilmente. Era um homem barbado de olhos castanhos. Os olhos de Vlask eram diferentes de todos os conhecidos. Enxergavam perfeitamente no escuro e a luz do dia podia feri-los gravemente. O homem estava mijando, como de habitual logo depois de beber barris de cerveja.

No momento, o espectro das sombras logo percebeu quem era aquele homem. Era o mesmo guerreiro que fora impedido de se levantar e confrontá-lo. Ah, aquela comida seria saborosa. Ele mal podia esperar para sentir o gosto da carne, o sangue quente escorrendo pela sua garganta, alimentando seu ser. Vlask sorriu diabolicamente, exibindo seus pares de caninos enormes.

Não esperou mais tempo. Pulou de uma árvore à outra. Caiu na relva e rastejou. Parou a alguns metros de distância. Esperou. Estalou um galho de propósito, para chamar a atenção da vítima. A adrenalina logo começaria a correr pelas veias de sua presa, e aquilo seria como um tempero especial em sua comida. Não demorou e o guerreiro olhou para os lados rapidamente, mijando em sua própria calça.

- Quem está aí? – perguntou ele, colocando a mão direita sobre o cabo de sua espada.

Ninguém. Só eu. Vlask queria ter respondido. Mas resolveu ficar em silêncio. Rastejou-se novamente para trás do guerreiro enquanto ele seguia para a moita mais próxima. O vento sozinho a balançava, e aquilo dava a impressão que o espectro queria. A impressão de que alguém se escondia ali.

- Quem está aí? – perguntou ele novamente. Ergueu a espada quando se aproximou da moita e fatiou todos os galhos. Não havia nada ali.

E então, subitamente, ele se virou, tentando cortar o ar e vendo à sua frente a horrenda criatura. Um espectro das sombras, um dos mais temíveis. Vlask sabia que era conhecido por aqueles homens. Tempos atrás, sua raça fazia parte de Solaris, mas foram expulsos pelos malditos paladinos.

O guerreiro não teve tempo de se defender. Um dos espinhos de Vlask penetrou em sua carne e o paralisou instantaneamente. O espectro viu os olhos apavorados de sua presa. Estava estático. A sua única defesa, a espada, estava caída no chão, inutilizável. Vlask gritou e aquilo foi o suficiente para que o homem ficasse surdo. Sangue saía de suas orelhas, o tímpano havia sido perfurado.

E então o espectro o abocanhou. Rasgando pedaço por pedaço, parte por parte. E a única coisa que sua presa podia fazer era gemer.



Edson “Shadow” Junior tem 17 anos de idade e é escritor amador desde os 12, período onde descobriu a leitura e a escrita. Desde então não parou mais de escrever, sempre criando novos universos e boas histórias. É membro do grupo Universo Nova Frequência há dois anos. Participou do primeiro ebook do grupo, "Frequência Z", escrevendo pela primeira vez algo com fundo de terror. Possui o pseudônimo de

Shadow Warrior, por onde é conhecido nos demais fóruns. No momento está na produção de um livro e já tem mais dois na fila, com histórias inéditas.